

*Poesia de mulher inteiramente negra: interseccionalidade e autorrepresentação
em Poemas do Regresso, de Geni Guimarães*

Ângela da Silva Gomes Poz¹

Após um hiato de quinze anos sem publicar, a poeta, ficcionista e professora Geni Guimarães, primeira mulher negra a receber o Prêmio Jabuti (em 1990) e uma de nossas mais profícuas escritoras, retorna, no ano de 2019, com mais uma obra para o público infanto-juvenil – **O pênalti** – e, em 2020, seguindo a versatilidade e sensibilidade que marcam a sua produção, volta à publicação de poesias, com o livro **Poemas do regresso**. Nessa obra, a autora mantém a centralidade da temática afro, abordando raça, gênero, classe e outros temas que ela domina e verseja com maestria e potente representatividade, em sua escrevivência de mulher “inteiramente negra. Brasileira”, como se apresenta em “Versos do trato”, um dos mais contundentes poemas que a compõem.

O livro apresenta sessenta e dois poemas, gênero que Guimarães trouxera a público pela última vez em 1993, com a produção independente do livro **Balé das emoções**, obra reeditada em 2021 pela editora *Malê*, que também publicara **Poemas do regresso** (2020). Considerando o perfil da autora em toda a sua produção anterior, diante do que encontramos nessa mais recente obra, corroboramos as palavras de Vagner Amaro (2020), no que tange à leitura da mesma: “é uma possibilidade de encontro com a subjetividade de uma escritora que se exilou dentro de si e que regressa para a literatura nos contando vivências emocionais e visões de mundo, uma narradora poética, comprometida com suas intenções artísticas” (AMARO *In* GUIMARÃES, 2020, primeira orelha).

Logo no poema de abertura, intitulado “Regresso”, a poeta já reafirma que o potencial libertário continua alicerçando a sua obra: sua libertação como mulher e negra começa de dentro pra fora, em um movimento de retorno para o interior de si mesma em busca de sua essência, de seu íntimo, de sua identidade, vistos sob o ângulo do seu próprio olhar. Ela verseja:

Como quem se vê pela janela,
me resgato.
Regresso desatando laços,
espantada com o meu próprio espanto.
Não serei curta, nem breve.
Insaciável,
de novo sorverei o gole que me cabe,
prisioneira apenas das minhas próprias rédeas.

¹ Doutoranda em Estudos de Literatura (Literatura Comparada), na Universidade Federal Fluminense. Mestra em Letras (Literatura Brasileira e Teorias da Literatura, também pela UFF. Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal Fluminense. E-mail: angelasgpoz@gmail.com.

(GUIMARÃES, 2020, p. 11)

Observamos, nessa poesia de abertura, que Geni Guimarães apresenta seu regresso como um autorresgate. Ela o realiza à medida em que olha para si “como quem se vê pela janela”, retornando às suas raízes. No entanto, esse retorno se dá em um movimento que chama a atenção de quem (se) observa: ela regressa para sua identidade “desatando laços”. Recusando quaisquer amarras, a poeta declara que “não” será “curta nem breve”. Insaciável em seu desígnio, ela se propõe a “sorver” o gole que lhe cabe, ou seja, novamente beberá sem pressa, degustará cada gole do que seus versos denotam, para sentir o sabor da liberdade de ser “prisioneira apenas das” suas “próprias rédeas”; em nossa leitura: para ser livre e pregar a libertação das opressões que vêm de fora. É uma mulher empoderada que se apresenta.

A instigante metáfora de se ver pela janela “espantada com” seu “próprio espanto” retorna no segundo poema do livro, “Sobre o só”, cujo tema, que o título antecipa, é a solidão. O eu lírico demonstra que o retorno à memória o leva também ao encontro da dor, que tem até mesmo uma “sala” própria. Ele diz: “Sentindo o vento ventar, / na sala da minha dor;/ dispo-me. Fantasmas e anjos/ se abraçam no arranjo/ das coisas que já vivi” (*Ibidem*, p. 13). Há um eu lírico que, ciente de um passado, firma-se em uma sucessão de pleonasmos e outras figuras de linguagem, tentando traduzir o espanto do retorno à consciência e ao fazer poético. Nesse texto, quem se espanta não é o eu lírico, como no anterior, mas os quadros da parede, que abriga “o estofado pernetá” e a “mesa”, metaforizada como “uma barriga recheada de versos tristes” (*Ibidem*). Nos últimos versos, percebe-se um questionamento desse eu acerca do sofrimento causado pela solidão, pelo desejo de (novamente?) ser amado.

Dessa forma, nos dois poemas que precedem os sessenta restantes, Guimarães revela sua poesia no presente: “dispo-me”. Ao se despir como poeta, vem à lume a escrevivência de uma mulher negra que segura uma caneta de frente para uma folha de papel – conforme capa desta primeira edição – como se fosse agulha e linha que cerzirão os textos; palavras escritas por mão negra de mulher que lê o mundo a partir de experiências únicas em um país construído historicamente sobre bases de escravidão, desigualdades, racismo e machismo, com o poder hegemônico e violento do patriarcado.

Tal especificidade literária é abordada por Conceição Evaristo em seu texto “A Escrevivência e seus subtextos”. Em sua teoria, Evaristo remete à essência do referido termo cuja “imagem fundante [...] é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande” (EVARISTO, 2020, p. 29). Ela descreve no que consistia esse papel histórico imposto pelo colonizador branco a mulheres pretas escravizadas, às quais foram destinados papéis distintos segundo Lélia Gonzalez, de “doméstica” e de “mulata”

(GONZALEZ, 2018, p. 45). Papéis determinados pelos senhores por serem subalternizados e limitadores, mas que, no entanto, estando em um deles, a “Mãe Preta”, ao contar as histórias em “*pretuguês*” para os filhos dos brancos, garantiu a resistência e a permanência das histórias e das culturas de África, construindo, assim, o que Gonzalez chama de “resistência passiva” promovida por essas mulheres (*Ibidem*, p. 113-114).

Segundo Evaristo, a escrevivência das escritoras negras “não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (EVARISTO, 2020, p. 30). Ela demarca tal conceito remetendo à referida resistência das Mães Pretas, lembrando que hoje, as escritoras negras mantêm a resistência sem o controle dos senhores e com a liberdade da voz, impressa em sua grafia. Ela ainda destaca que a “escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre” (*Ibidem*, p. 38). E, nesse sentido, aponta para a escrita que parte da própria experiência da mulher negra que escreve, mas que não se encerra em si mesma, visto abranger toda uma coletividade. Como exemplo dessa escrita, Evaristo cita Geni Guimarães:

Ainda pensando que a escrevivência extrapola os sentidos da escrita de si, quero citar o livro de Geni Guimarães, **A cor da ternura**. Creio que o conceito de escrita de si, assim como o da autoficção, não explica a construção da narrativa ali apresentada. Não é um livro em que a autora se debruça somente sobre a sua própria história e faz um texto que esgota em si própria. O texto está impregnado da história de uma coletividade (*Ibidem*, p. 39).

Destarte, nota-se que tal referência se estende à produção poética de Guimarães, especialmente no tocante a **Poemas do regresso** (2020), que enfocamos neste estudo. À guisa de exemplo, como referimos no início de nosso texto, a poeta se autorrepresenta brasileira, porquanto “inteiramente negra”. O eu lírico manifesta uma mulher que sente as dores do seu povo, relegado às margens, ao descaso, à miséria, no poema “Versos do trato”:

Bem que eu queria
um sonho intenso, um raio vívido,
porém meu eu-poeta
se enrosca na trança do que preciso.

No meu querer tropeço,
quando imberbes meninos
engolem tiros no peito, e
num cochilo se vão, sem gritos.

Sim. Concorde. Sou persistente.
É que incrustadas de descasos e mentiras,
as ruas silenciam, displicentes,
o ronco da fome gritante na barriga da minha gente.

Mas armada de alfabeto, vivo na espreita.
Traduzo intenções veladas,
Tiro do sol a peneira,
Continuo passo a passo,
Portando minha bandeira:
Sou inteiramente negra. Brasileira.
(GUIMARÃES, 2020, p. 105)

Na primeira estrofe, o “eu-poeta” expõe a dicotomia existente entre o seu querer – “Bem que eu queria/ um sonho intenso, e um raio vívido” – e sua necessidade – “porém meu eu-poeta/ se enrosca na trança do que preciso”: a mulher poeta, autorrepresentada como “inteiramente negra. Brasileira”, diante das mazelas e das injustiças sociais, não consegue ter como prioridade quaisquer outros temas, ainda que desejasse abordá-los, a não ser o da “trança” do que precisa – do que necessita, como parte desse povo marginalizado, e do que identifica com precisão, mediante sua identidade negro-brasileira. Diante “do silêncio das ruas”, ela não titubeia em erguer o seu poema como bandeira, assumidamente persistente, contra “o ronco da fome gritante na barriga da” sua “gente”.

Tal como observa Gayatri Spivak – “A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio” (SPIVAK, 2018, p. 165) –, Geni tem consciência da subalternidade imposta a si, como mulher e como membro do povo negro e, como intelectual, não abre mão de ser sua porta-voz, como ela mesma se identifica nas linhas finais de sua obra **A cor da ternura**: “Messias dos meus jeitos, sou pastora do meu povo cumprindo prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de harmonia. Meu porte de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em cima, embaixo e no meio do cordel das palavras” (GUIMARÃES, 2018, p. 90).

É notório que Geni Guimarães reconhece a interseccionalidade de opressões que a atinge e constrói a sua poesia como arte engajada na denúncia da realidade que vivencia, direcionando o foco de luz dos seus versos ao que ela enxerga como necessidade vital, não apenas para si, mas para todo o povo negro; o que podemos relacionar à reflexão de Audre Lorde:

Para as mulheres, então, a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital de nossa existência. Ela cria um tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível. É da poesia que nos valem para nomear o que ainda não tem nome, e que só então pode ser pensado. Os horizontes mais longínquos das nossas esperanças e dos nossos medos são pavimentados pelos nossos poemas, esculpidos nas rochas que são nossas experiências diárias (LORDE, 2019, p. 47).

Em seus poemas, Guimarães nomeia as opressões para poder combatê-las, muitas vezes até mesmo a partir dos seus títulos, como é o caso dos poemas “Sexismo” (GUIMARÃES, 2020, p. 15), no qual remete à reação da mulher que se indigna diante da sujeição do aprisionamento das atitudes machistas que lhe são impostas por vezes de maneira (quase) sutil. A postura da poesia como espaço libertário fica nítida em poemas como “Nenhum vivente dorme eternamente”:

Nos despertamos,
refizemos nossos corpos
restauramos nosso peito,
do coração arrancamos as safenas,
e fazemos hoje a verdadeira abolição.
(*Ibidem*, p. 135)

Autodefinida mulher e negra, a poeta contrói um “eu” coletivo e fala a partir da primeira pessoa do plural. Segundo Sonia Sanchez (*apud* COLLINS, 2019, p. 204), ao analisar esse “eu” que, segundo Paule Marshall (*Ibidem*), encontra-se no contexto da comunidade: “Devemos ir além do foco no ‘eu’ pessoal, porque existe um ‘eu’ maior. Existe um ‘eu’ dos negros”. Enquanto Guimarães enfoca a condição opressora que o sexismo impõe às mulheres e à abolição que o coletivo de mulheres negras promove ao despertar para sua realidade social, juntas, como se pode ler nos poemas supramencionados, ela ilustra as palavras de Audre Lorde:

Os patriarcas brancos nos disseram: ‘Penso, logo existo’. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: ‘Sinto, logo posso ser livre’. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade (LORDE, 2019, p. 48).

Como poeta, ficcionista e professora, Geni Guimarães ergue sua voz para despertar consciências críticas. Ela promove sua autorrecuperação como pessoa e como poeta nesse livro, muito alinhada, observamos, ao que aborda bell hooks na obra **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra** (2019), pois há um caráter muito educativo e transformador em cada poema que ela concebe, como explicita em “Aspiração”, em cuja última estrofe declara: “Quero cantar um verso/ que me retrate e se levante/ contra o fechar das mãos sem dedos,/ que rabiscam no cimento o choro dos inocentes./ Quero pôr todos os odores sobre a mesa,/ trazendo à tona minhas aspirações de poetegente” (GUIMARÃES, 2020, p. 18). Há nele o registro da subjetividade que perpassa seus versos, concentrada no neologismo “poetegente”. A interseccionalidade, na obra, é situada em um contexto brasileiro, com forte apelo à justiça social, conforme Collins e Bilge (2021, p.45, 47).

Na esteira desse contexto, a poesia de Geni Guimarães encontra-se dentro do conceito de literatura negro-brasileira, segundo Cuti (2010, p. 39), uma vez que o seu “ponto nevrálgico é o racismo e seus significados no tocante à manifestação das subjetividades negra, mestiça e branca”. Pode-se conferir esse ponto na firmeza da autorrepresentação negra em versos como nos do poema “Retrato”:

Nenhum desgosto alheio,
olhar de esguelho,
estanca o jorrar livre do meu puro negro,
até porque minha memorável sina
é este negrume que me ilumina,
e ilumina tudo o que há em mim.
(GUIMARÃES, 2020, p. 93)

Tal como ocorre em “Troca de opinião”, que denota reação ao racismo velado: “Teus disfarces se desnudam,/ no encontrar-se comigo./ Tenho plantada uma bússola,/ no interior do umbigo,/ que em mim registra a farsa do pensado e não dito.// Pode fingir que me ama, que eu finjo ser teu amigo” (*Ibidem*, p. 29) e em “Salmo da constatação”, no qual dá o veredito no questionamento final: “Daí fico pensando:/ qual será o tamanho do inferno?/ caberão nele todos os racistas?” (*Ibidem*, p. 81), a autorrepresentação se alinha à representatividade, como se pode observar nos seis versos de “Só pra saber”: “Como ilustrar um texto/ que não li, não escrevi,/ não atuei em parceria?// Como entender, sem ter fome,/ o ronco na barriga/ da barriga vazia?” (*Ibidem*, p. 123).

Destarte, autorrepresentação e representatividade se potencializam em vários poemas do livro, que abordam temas variados, como ancestralidade, africanidade, escravidão, abolição, o fazer poético como arma contra as desigualdades, negritude, autoafirmação, entre outros, dos quais destacamos, no que mais concerne ao presente trabalho, a temática da mulher na velhice, que é referida nos poemas “Sem mera coincidência”:

Estou no tempo
de ouvir todos os dias lembretes de alertamento:
Cuidado com os degraus!
Olha a altura da guia!
tira os tapetes da sala.

Não vá dormir muito tarde,
não atravesse a avenida.
“senhora, pode passar na minha frente”.

Tá precisando de ajuda?
mãe, espera que eu te levo.
E os remédios, já tomou?

E assim, mesmo que eu quisesse
deixar de contar o tempo, de modo algum poderia
me esquecer de que estou velha.
A sociedade me envelhece todos os dias.
(*Ibidem*, p. 83)

Nota-se, nesses versos, mais uma vez, como a poeta se vale das próprias experiências para compor, em sua poesia, um panorama que se configura em sua própria experiência, mas que abrange uma gama de pessoas, especialmente, em sua subjetividade, mais especificamente as mulheres. Salienta-se a representatividade negro-feminina no contexto da velhice ainda mais no poema “Pretejando”:

Foi de leve, na surdina,
que em meio à carapinha
surgiram
um fio aqui, outro acolá...

Lembrei-me:
já acima dos setenta,
a gente não mais aguenta
tal invasão repentina
no topo da cabeça.

Não vacilei:
O que pude arrancar, arranquei,
o que não pude,
afoguei na tinta preta.

Cortei o mal na raiz (muito antes que o mal cresça).

Eu não vou viver com intruso
rondando a minha cabeça.
(*Ibidem*, p. 85)

Observa-se, na obra, que, em consonância com os demais livros publicados de Guimarães, a autora se mantém firme no propósito de realçar sua negritude como forma de se autorrepresentar, em várias fases da vida – como a infância e a juventude, como em **A cor da ternura** e poemas como “Infância acesa”, de **Balé das emoções**² – e a velhice, como nos poemas supracitados. Assim, levantamos que a poesia-regresso dela é crivada de africanidades e brasilidades, em movimento circular. Há ancestralidade e devir, por exemplo, no poema “Ressonância”:

Enquanto posso pensar,
escrevofalo.
Tiro as amarras dos nervos

² GUIMARÃES, 2021, p. 46-47.

e as sustento em fogo brando.

Poefação
minhas histórias,
dou aos meus netos, Zumbi
com seus feitos de bravura e glória.

Enquanto posso pensar,
falescrevo,
reencarnando Mandela,
pintando uma nova tela
para enfeitar os peitos dos meninos.

E quando não mais puder
hastear na fala esta bandeira,
sacudir toda a poeira,
despejada sobre nós, então,
daí, então, os passos que andei, os gritos que gritei,
regerão a orquestra da descendência.
(*Ibidem*, p. 95)

Constata-se, nesses versos, que a poética da autora em tela descende da oralidade e da sabedoria ancestral, sua resistência vem de longe e pretende continuar seguindo, pelas novas gerações. Dentro de um *continuum* histórico negro, tal como explana Beatriz Nascimento (2018, p. 254), Geni Guimarães retoma a sua própria voz, que carrega milhares de vozes-mulheres em si, para além do tempo e do espaço. Uma voz poética que regressa com a potência que lhe cabe, desafiando todos aos quais o silenciamento das mulheres negras satisfaz. Versejando, ela demarca sua potente voz negro-feminina no poema “Correspondência”:

Se te sufoca
este meu jeito soberano de ser gente,
e te espante,
meu peito arfante de liberdade e consciência.
Se te faz muito mal
nada posso fazer.

Sou urtiga, comigo ninguém pode,
florespinho.
Sugiro:
envia-me por sedex
o teu baú de frustração e ódio,
(rascunhos insípidos das infames tretas)
Mas fica alerta:
sou poeta. Tiro de letra.
(GUIMARÃES, 2020, p. 41)

Como se pode ler nesses versos, o retorno de Geni Guimarães à poesia reafirma a potência de sua palavra lírica, que não se nubla sequer na prosa. A subjetividade da autoria

feminina negra, em sua escrita, estende-se a uma abrangência de gentes, de diversidades, a partir de uma perspectiva muito peculiar, de alguém que conhece a interseccionalidade de opressões que aflige uma mulher negra brasileira. A força de sua literatura, exemplo evaristiano do conceito de *escrevivência*, engrandece nossa literatura contemporânea, fortalecendo-se e renovando-se em cada publicação, como provam esses iluminados poemas de regresso.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, PATRICIA Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CUTI (Luiz Silva). **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações de Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa.... Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. Ilustrações Vanina Starkoff. 2. ed. São Paulo: FTD, 2018.

_____. **O pênalti**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

_____. **Poemas do regresso**. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

_____. **Balé das emoções**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Tradução de Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: Possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

